

# Apresentação

Os animais não-humanos são presenças recorrentes em diversas descrições e análises antropológicas desde o nascimento da disciplina no final do século XIX, período em que alimentaram – parafraseando, de certo modo, Lévi-Strauss – debates em torno de noções clássicas, tais como totemismo, animismo, sacrifício, sistemas de representação, ritual, xamanismo e outras (TYLOR, 1920[1871]; FRAZER 1931[1887]; ROBERTSON-SMITH, 1927 [1889]; DURKHEIM, 2000[1912]; DURKHEIM & MAUSS, 1999[1903]; MAUSS & HUBERT, 1999[1899]; MALINOWSKI, 1948[1925]; RADCLIFFE-BROWN, 1973[1952]; 1978[1951]; FORTES, 1945; DOUGLAS, 1957; 1991[1966]; LEACH, 1983[1957]; LIENHARDT, G. 1961; PITT-RIVERS, 1989[1954], 1995; LÉVI-STRAUSS, 1975[1962]; 1989 [1962]; HARRIS, 1978[1975]; GEERTZ; 2008 [1973]; SAHLINS, 2003[1975]; TAMBIAH 1969, entre outros). Atravessando fronteiras que dividiam “escolas” e tradições antropológicas nacionais – da mesma forma que não respeitam fronteiras estabelecidas pelas políticas humanas –, os bichos movimentaram contendas entre defensores da razão prática e da razão simbólica, dos partidários da natureza e os da cultura (LÉVI-STRAUSS, 1975[1962]; SAHLINS, 2003[1975]; DESCOLA & PALSSÓN, 2001[1996]). Conquanto tivessem, na maior parte dos trabalhos, sua “agência” reduzida a simples portadores de valores utilitários, signícos ou simbólicos (LATOURE, 2012[2005]), cães, galos, cavalos, bois, vacas, porcos, onças, caca tuas, peixes, pangolins e toda uma série de não-humanos contribuíram decisivamente para o desenvolvimento da ciência antropológica. Na chamada antropologia moderna, o interesse dos pesquisadores pelos animais era tanto maior quanto mais os bichos falassem dos seres humanos, das sociedades e das culturas.

Nos últimos anos, o interesse pelo estudo das formas de interação entre animais humanos e não-humanos vem ganhando ainda mais espaço na disciplina, no Brasil e no exterior. No entanto, para além dos seus aspectos úteis ou simbólicos, a antropologia também procura destacar agora as interações efetivas e afetivas – dir-se-ia “materiais” – entre bichos e homens. Nem apenas “bons para comer” ou “bons para pensar”, os animais não-humanos seriam igualmente “bons para se relacionar”. Tributário de um debate que redimensiona a dualidade natureza e cultura na disciplina e nas ciências humanas em geral (LATOURE, 1994 [1991]; DESCOLA, 1986; 2014[2005]; HARAWAY, 2008; 2009[1991]; INGOLD, 2011[2000]; 2011; 2013; AGAMBEN, 2013 [2002]; DERRIDA, 2002 [1999]; STRATHERN, 2006[1988], 2014; entre outros), o interesse renovado pelos animais não-humanos procura destacar as condições por meio das quais eles podem ser vistos como co-produtores da vida humana em coletividades (LATOURE, 2012 [2005]), A antropologia para além do humano (KOHN, 2013) ou a antropologia da vida (INGOLD, 2011) atualizam reflexões clássicas encontradas em alguns autores “modernos”, tais como Michel Leiris (2001 [1981]) e Evans-Pritchard (1989[1940]), partindo da premissa de que não é possível sustentar as fronteiras ontológicas modernas que separam animais humanos e não-humanos. O pano de fundo destes trabalhos constitui o conjunto de debates intelectuais e políticos prementes que mobilizam diversos setores do mundo contemporâneo: direitos e defesa dos animais, saúde pública, questões ambientais, pesquisas científicas, conhecimentos tradicionais, territórios, economia, alimentação, religião, atividades artísticas e muito mais (KNIGHT, 1999, 2000, 2006; DESCOLA, 1996, 1998, 2005; LATOURE, 2000; WILLERSLEV, 2004, 2007, 2011; VIETBSKY, ALEKSEYEV & WILLERSLEV, 2014; VIVEIROS DE CASTRO, 1996, 2011, 2015; LIMA, 1996, 2005; SÁ, 2011, 2013; SUSSEKIND, 2011, 2014; VANDER VELDEN, 2011a; 2011b, 2012, 2013, 2016; SEGATA, 2012a, 2012b, 2014; HARAWAY, 1989; 2005, 2008, 2011; LEWGOY & SORDI, 2012, 2013; LEWGOY, SORDI & PINTO, 2015; OSORIO, 2011, 2013, 2015, 2016a, 2016b; entre muitos outros). Percebe-se, então, que os animais não-humanos invadem e ocupam todos os campos da vida, da política e da socialidade humanas. Assim, ao se tornarem “objeto” de escrutínio de uma ciência que deve ao humano seu nome e orientação geral, contribuem decisivamente para colocar em perspectiva os limites não apenas do nosso conhecimento como da nossa própria humanidade (em

ambos os sentidos, como quer Tim Ingold, 1994; 1995).

O dossiê “Nas roças e nas aldeias: animais em contextos rurais e indígenas”, organizado pela revista *Teoria e Cultura*, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora, pretende ser mais um espaço para reflexões teóricas e apresentação de pesquisas etnográficas sobre animais não-humanos na antropologia. A publicação é um desdobramento dos debates realizados em Grupos de Trabalho ocorridos na Reunião Equatorial de Antropologia (REA/ABANNE), ocorrida em Maceió/AL, e na Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM), em Montevideu, Uruguai, ambos de 2015. O objetivo é reforçar e ampliar as interlocuções criadas durante os eventos. Os GT’s “Antropologia das Relações Humano-Animal”, organizado pelos antropólogos Andrea Osório Sarandy e Flavio Leonel Abreu e Silveira, e “Ser Animal, Ser Humano: Saberes y Haceres en las Relaciones entre Humanos y Animales”, coordenado por Felipe Vander Velden, Martha Ramírez-Gálvez e Celeste Medrano, deram destaque a trabalhos que abriram um grande arco temático que marcam as pesquisas antropológicas das relações humano e animal nos mais diversos contextos etnográficos. A opção desse dossiê pelos enfoques indígena e rural decorre de uma decisão até certo ponto arbitrária, orientada pela trajetória dos seus organizadores. Além disso, ela é fruto da percepção de que, enquanto a etnologia indígena está repleta de reflexões sobre as relações entre homens e bichos (ERIKSON, 1987, 1988a, 1988b, 1997, 1998, 2000; VIVEIROS DE CASTRO, 1996; DESCOLA 1998; FAUSTO, 1999, 2008; KOHN 2007a, 2007b, 2013; GARCIA, 2011; VANDER VELDEN, 2012; PIERRI, 2013, entre muitos outros), a antropologia do mundo rural (especialmente, o brasileiro) ainda pode contribuir mais para esse debate. Inicialmente, a literatura nacional sobre o campesinato propunha um olhar para os animais, em geral os de “criação”, para compreender estratégias individuais e coletivas de reprodução familiar, conflitos agrários, usos do solo, formas simbólicas de classificação espacial, de gênero ou idade, processos de socialização, relações de trabalho, hábitos alimentares, sistemas de representação, rituais religiosos, entre outros temas (HEREDIA, 1979; GARCIA Jr., 1983, 1989; HEREDIA & GARCIA Jr., 2009; BRANDÃO, 1981, 1995; PRADO, 2007; ALMEIDA, 2009; WOORTMANN, 1981, 1995, 2009[1981]; WOORTMANN & WOORTMANN, 1997; GODOI, 2009; MORAES, 2000, 2009; entre outros). As abordagens, na maior parte dos casos, enfatizava o valor prático dos bichos ou acentuava seus papéis simbólicos na vida social. Recentemente, no entanto, alguns antropólogos, influenciados pelo debate contemporâneo que questiona a dualidade moderna entre natureza e cultura, estão se dedicando aos estudos sobre as formas efetivas e afetivas de interação entre gentes e animais (domesticados ou selvagens) em inúmeros contextos rurais (BRANDÃO, 1999; PEREIRA, 2011, 2012, 2015, 2016; ANDRIOLLI, 2011, 2014, 2015; SUSSEKIND, 2011, 2014; LEAL, 2014; FROEHLICH, 2013, 2015a, 2015b, 2016; TEIXEIRA & AYUBE, 2016; entre outros). Cães, galinhas, porcos, cavalos, bois, onças e serpentes, para lembrar alguns dos bichos destacados, contribuem assim para repensar, a partir de outros paradigmas, abordagens clássicas dessa subárea disciplinar. Além disso, ajudam a introduzir novos temas para reflexão, tais como conflitos ambientais, direitos e defesa de animais, debates sobre biotecnologia, entre outros.

Mesmo na etnologia indígena, é possível notar uma mudança nos rumos das pesquisas, ainda que nos seus princípios, tal como notado acima para a antropologia brasileira do mundo rural. Os trabalhos clássicos da subárea estiveram, por longo tempo – e, certamente, seguindo a via aberta pela poderosa reflexão lévi-straussiana (ou, ao menos, por uma parte significativa dela: ver, a respeito, VANDER VELDEN, 2015) – focados nos animais enquanto signos ou símbolos destinados a apresentar as sociedades e cosmologias indígenas em código zoológico, por assim dizer. Nesse sentido, muitos trabalhos faziam figurar os animais sobretudo nas artes decorativas, na corporalidade e nos sistemas de classificação das terras baixas sul-americanas (JENSEN, 1985; CROCKER, 1985; GIANNINI, 1991; POSEY & ELISABETSKY, 1991; DESCOLA, 1998; COFFACI DE LIMA, 2000; AYLOR, 2000, 2001). Por outro lado, a presença efetiva dos animais nas vidas indígenas esteve praticamente radicada nas interações predatórias – as atividades de caça, pesca e coleta – e, em muito menor medida, na adoção e criação dos assim chamados wild pets (FAUSTO, 1999). As pesquisas

mais recentes têm buscado ampliar este leque de objetos de interesse, indagando sobre a convivência com os animais em outros domínios do cotidiano ameríndio para além da caça e da familiarização de animais oriundos da floresta, e para além da própria floresta (CORMIER, 2003; YVINEC, 2005; VILLAR, 2005; VANDER VELDEN, 2012). De certo modo, os animais não-humanos também vêm se tornando mais materialmente presentes – trata-se de investigar modos indígenas de saber *com* os animais, muito mais do que seus saberes *sobre* os animais – nos estudos em etnologia indígena: menos como artefatos simbólicos, e muito mais ativos em carne e osso, ainda que esta carne e estes ossos não sejam apenas aqueles que resultam da fundamental atividade dos caçadores amazônicos e sul-americanos em geral.

## O DOSSIÊ

O artigo *Como se faz um cachorro caçador entre os Karitiana (Rondônia)*, de Felipe Vander Velden, descreve e analisa um conjunto de relações entre caçadores humanos e caninos entre os Karitiana, povo indígena falante de língua Tupi-Arikém que vive em Rondônia, Brasil, com foco nas técnicas empregadas entre os Karitiana para se “fazer” um bom cachorro caçador, ou seja, um cachorro apto a perseguir e matar presas em colaboração com caçadores humanos. Na feitura de cães de caça, o autor destaca a qualidade artefactual dos animais para os Karitiana – tanto daqueles animais “do mato”, feitos em tempos míticos, quanto dos animais “de criação” domésticos, feitos na ação humana – e ainda um outro fator, definido pelo “jeito” dos animais, isto é, as aptidões que cada cachorro demonstraria efetivamente na atividade venatória, na disposição e maestria nas técnicas de caçar. Assim, o engajamento de cães nas práticas de procurar e “matar caça” na companhia de homens Karitiana conecta habilidades humanas e escolhas feitas pelos próprios cachorros, que podem se mostrar “sabidos” e se aperfeiçoar na atividade, ou podem, também, “não prestar” para a caça. Uma descrição etnográfica cuidadosa do processo em que homens e cachorros buscam se fazer caçadores nos leva, ao final do texto, a uma possível colaboração entre a antropologia e a etologia na consideração de modos caninos de aprendizagem.

O artigo de Elizabeth Pissolato e Rafael Fernandes Mendes Junior, intitulado *Saber sobre pássaros, saber com pássaros: introdução a um estudo sobre formas de interação e modos de conhecimento na experiência de pessoas guarani*, pretende reunir informações etnográficas acerca do conhecimento guarani sobre aves, tomando por base as pesquisas etnográficas dos autores em três aldeias no Brasil (Araponga e Parati Mirim no Rio de Janeiro, e Nova Jacundá no Pará), assim como informações disponíveis na bibliografia guarani, com destaque para a pesquisa “etnornitológica” realizada por Marilyn Badie (2000) em duas aldeias do mesmo povo na Argentina. Por um lado, o artigo visa mapear os diversos modos de relação com aves entre os Guarani como forma de introdução a uma pesquisa mais ampla a ser desenvolvida sobre tais interações. Por outro lado, propõe uma abordagem particular do engajamento de pessoas guarani com cantos (vocalizações) de pássaros e a produção de conhecimento a partir de sua escuta. Aproximando esta escuta de modos de conhecimento guarani, como o que se atualiza quando se “vê no sonho”, o artigo sugere que, para além do saber (sobre pássaros) que resulta da observação minuciosa das espécies nos ambientes que habitam, a *relação com os cantos* realiza-se como um *saber-com-pássaros* que põe em conexão manifestações sonoras, ambiência e o curso da vida humana.

O terceiro artigo, *O frigorífico na aldeia: algumas implicações do trabalho nas indústrias de carne para os Kaingang do Toldo Chimbangue*, de autoria de Miriam Rodeguero, discute desdobramentos da presença de frigoríficos na região de Chapecó, Santa Catarina, Brasil, próximos à Terra Indígena Toldo Chimbangue, habitada pelos povos Kaingang e Guarani. Focalizando o engajamento de pessoas kaingang no trabalho nestes frigoríficos desde 2008, a autora discute implicações nas relações com animais e transformações no “modo de vida” kaingang. Para além do comentário sobre as condições precárias e muitas vezes irregulares – do ponto de vista das normas trabalhistas – que predominam nos frigoríficos, o texto destaca alguns aspectos da criação de animais, como porcos, na aldeia, e sua relação com práticas ligadas ao cuidado de crianças e à definição de alimentos adequados ao consumo

pelos Kaingang. Neste sentido, a carne de animais criados contrasta tanto com a carne de caça quanto com a carne produzida industrialmente, sendo aquela marcada pela relação de proximidade com o animal, “que conhece o tempo de engorda e sabe do melhor alimento para os animais”. O artigo ainda destaca a busca dos Kaingang por um trabalho dentro dos limites do Toldo Chimbangue que envolva “cuidados com os animais e com o plantio, seja para consumo próprio, seja para o comércio”.

As vaquejadas sertanejas de pega de boi no mato no município de Floresta, Pernambuco são o tema do artigo *Dominação e Confiança: humanos e animais nas vaquejadas sertanejas*. Demonstrando como a presença do vaqueiro no sertão pernambucano continua sendo objeto de constantes reflexões e atualizações, Renan Martins Pereira discute o paradoxo confiança-dominação na relação entre humanos e animais neste contexto. Em interessante exercício analítico, o autor propõe a aproximação entre as vaquejadas com práticas descritas para povos indígenas no nordeste da Sibéria. Em ambos os casos, dominação e confiança são tipos de controle que coexistiriam no gerenciamento dos riscos, das contraprestações e das relações morais entre humanos e animais. Assim como Willerslev e outros (2014) fazem para o caso siberiano, Renan Pereira lança mão do conceito de “double bind” formulado por Bateson (e reformulado por outros autores) para pensar os laços paradoxais nas práticas com os animais, demonstrando que os vaqueiros articulam um regime de cuidados e uma economia no uso da violência. A etnografia sugere, enfim, que, no sertão de Pernambuco, embora grande parte do conhecimento e das práticas executadas pelos vaqueiros sejam provenientes do caráter pastoril de sua economia, a domesticação não se sobrepõe à confiança, e as pegas de boi no mato não são apenas o lugar onde os vaqueiros constroem a sua imagem de homem corajoso e prestigiado, mas o lugar onde eles problematizam as suas paradoxais relações com os animais.

O artigo *Lida Brabíssima: a cultura da caça como constituidora da relação entre humanos e animais na pecuária extensiva no pampa brasileiro*, de autoria de Flávia Maria Silva Rieth, Daniel Vaz Lima e Eric Barreto, focaliza a lida campeira com o gado chimarrón na região do pampa brasileiro. Tomando a pecuária como modo de vida, os autores observam nas práticas dos peões o gosto pela lida envolvendo jogos de olhares e de corpos entre animais humanos e não-humanos, os quais produzem, no tempo, saberes incorporados que correspondem à própria vivência na lida. Tomando por base a descrição da lida campeira tida como *brabíssima* pela força física exigida, e, particularmente, o valor dado pelos peões ao “correr atrás do boi”, contraposto aqui ao “ensinar boi”, o artigo propõe, como introdução a futuros estudos, a tese de que “uma lógica da caça [permeia] o manejo tradicional do gado na região do bioma pampa no Rio Grande do Sul”.

Em *Os dilemas da criação: as ambiguidades dos relacionamentos entre humanos e não humanos em dois municípios mineiros*, Carmen Andriolli e Luzimar Paulo Pereira tomam em análise os deslocamentos dos animais, a partir de suas pesquisas realizadas nas cidades mineiras de Chapada Gaúcha e Urucuia. Os autores demonstram que a circulação de animais é uma dimensão importante na definição da criação e do *mexer com criação*, articulando modos de percepção humanos – entre criadores e seus vizinhos - e a intencionalidade dos *bichos*. A circulação de animais de criação está sempre produzindo “relações de afeto e desafeto entre humanos e não humanos no viver junto”. Isto vale para os mais diversos contextos, quando, por exemplo, o deslocamento de animais é importante para garantir a segurança dos criadores em suas casas ou no mato, para tornar uma caçada bem sucedida ou para o trabalho com outras criações. Mas a circulação das criações por áreas ocupadas por gente também pode implicar a produção de relações intra-humanas de confiança. Estes e outros pontos são desenvolvidos no texto a partir de uma rica descrição etnográfica de eventos cotidianos que põem em foco os movimentos dos bichos por diferentes esferas da vida e do cotidiano dos moradores do norte de Minas Gerais.

O artigo de Eliane Sebeika Rapchan e Walter Alves Neves, intitulado *Famílias Híbridas: Camponeses, Primatólogos e Macacos-Prego no Cerrado Piauiense*, descreve uma situação particular de interação entre uma população de macacos-prego, uma família rural e pesquisadores primatólogos participantes do projeto Ethocebus na região da Fazenda Boa Vista, em Gilbués, no Piauí. Trata-se de um contexto rural complexo, que reúne tanto a produção agrícola familiar fundada na posse que,

por suas características de uso e exploração da terra e dos recursos naturais, garantiu a preservação de áreas de ocupação e permanência dos macacos-prego, quanto a ameaça potencial a essa situação proporcionada pela expansão da produção agroindustrial em escala e seu impacto ambiental, por via da expansão da fronteira agrícola nas áreas agricultáveis das vizinhanças da fazenda. O texto descreve as condições da pesquisa primatológica enfocando o comportamento de dois grupos de macacos-prego (*Sapajus libidinosus*) que habitam a área, bem como algumas técnicas de observação primatológica. Destaca-se a situação singular criada pelo Projeto, marcado por intensa interação social entre pesquisadores, que frequentam cotidianamente a cozinha da família camponesa, os membros desta família, animais de companhia, como cães ou aqueles que são criados soltos por esta família, como porcos, galinhas, gado, cabras e ovelhas, e os macacos-prego habitantes do lugar, com quem os pesquisadores e os moradores locais partilham caminhos. Os autores chamam a atenção para a complexidade deste contexto doméstico e de produção de conhecimento científico envolvendo humanos e não humanos.

Nesse dossiê, os artigos citados acima ainda são acompanhados de um ensaio fotográfico sobre a matança do gado bovino e de aves de quintal nas festas de folia de um bairro rural de Silvianópolis, no Sul de Minas Gerais. De autoria da antropóloga Roberta Sampaio Guimarães, a sequência de imagens destaca que a “matação”, como é nomeada a prática, destina-se à produção dos alimentos que compõem o banquete festivo. Verdadeiro sacrifício ritual, movimenta a circulação de dons entre homens e suas divindades, propiciando certa garantia de ordem por meio de classificações espaciais. Além desse ensaio, o dossiê também apresenta na seção Verbetes, tradicionalmente publicada pela revista *Teoria e Cultura*, duas extensas notas escritas respectivamente por Uirá Garcia e Carmen Andriolli. A primeira trata do importante tema da caça no universo ameríndio. A segunda dedica-se a realizar uma cuidadosa leitura dos modos pelos quais determinada literatura clássica e contemporânea elabora reflexões sobre a criação de animais no mundo rural brasileiro. Por último, o dossiê também publica uma resenha, elaborada por Paulo Bull, do livro *Hunters, predators and prey* (2015), de Laugrand & Oosten, cujo foco é o entendimento dos modos como os Inuit, na América do Norte, pensam suas relações com os animais com quem compartilham as paisagens geladas do Alasca, do Canadá e da Groenlândia. Somados aos escritos etnográficos, ensaio fotográfico, verbetes e resenha indicam caminhos novos e bastante promissores de pesquisa. Tendo em vista a já extensa bibliografia sobre o tema das relações entre animais e humanos, o dossiê “Nas roças e nas aldeias: animais em contextos rurais e indígenas” foi organizado com a expectativa de que tantas novidades nos estudos sobre os mundos rurais e indígenas fomentem uma maior aproximação entre estes dois campos tão apartados – até mesmo por razões ideológicas – na antropologia brasileira. Conectando, por meio dos animais, as aldeias e as vilas, roças e quintais, sem esquecer, naturalmente as cidades, grandes e pequenas, seguimos rumo à construção de uma imagem mais rica e mais precisa do conjunto de formas de coexistência entre humanos e não-humanos neste planeta do qual somos uma entre milhões, talvez bilhões, de outras criaturas.

Elizabeth Pissolato\*  
Luzimar Paulo Pereira\*\*  
Felipe Vander Velden\*\*\*

\* Professora e pesquisadora do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora

\*\* Professor e pesquisador do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora

\*\*\* Professor e pesquisador do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos

## BIBLIOGRAFIA

AGAMBEM, Giorgio. O aberto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013[2002]

ANDRIOLLI, Carmen Silvia. Sob as vestes de Sertão Veredas, o Gerais. 'Mexer com criação' no Sertão do IBAMA. 2011. Doutorado, PPGCS, IFCH, UNICAMP, Campinas/SP, 2011.

\_\_\_\_\_. Sob as vestes de sertão veredas, o gerais. A resistência cotidiana no sertão do Ibama. *Mana*, v.20, p.221 - 247, 2014.

\_\_\_\_\_. "Os tempos no "Gerais" e no "Sertão" – Sobre casa, comida, terra e criação". *Revista de Antropologia*, 58 (2), 2015, p. 345-370.

ALMEIDA, Alfredo Wagner B. de. "Terra de preto, terra de santo, terra de índio: uso comum e conflitos". In: DE GODOI, E.P.; MENEZES, M.A.; MARIN, R.A.(Org.). *Diversidade do campesinato: expressões e categorias: estratégias de reprodução social*, v. 2. São Paulo: EdUNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009, pp. 39-66

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Partilha da vida*. São Paulo, Geic/Cabral editor, 1995.

\_\_\_\_\_. *O afeto da terra: imaginários, sensibilidades e motivações de relacionamentos com a natureza e o meio ambiente entre agricultores e criadores sitiantes do bairro dos Pretos, nas encostas paulistas da serra da Mantiqueira, em Joanópolis*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.

\_\_\_\_\_. *Plantar, colher, comer: um estudo sobre o campesinato goiano*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1981.

COFFACI DE LIMA, Edilene. 2000. *Com os olhos da serpente: homens, animais e espíritos nas concepções Katukina sobre a natureza*. Tese de doutorado, São Paulo: FFLCH-USP, mimeo (não publicada).

CORMIER, Loretta. 2003. *Kinship with monkeys: the Guajá foragers of eastern Amazonia*. New York: Columbia University Press.

CROCKER, J. Christopher. 1985. "My brother the parrot". In: G. Urton (editor), *Animal myths and metaphors in South America*. Salt Lake City: University of Utah Press, pp. 13-47.

DERRIDA, Jacques. *O animal que logo sou*. São Paulo: Editora UNESP, 2002[1999]

DESCOLA, Philippe. *Per-delà nature et culture*. Paris: Éditions Galimard, 2005.

\_\_\_\_\_. "Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia". *Mana*, 1998, vol.4, n.1, pp. 23-45.

\_\_\_\_\_. *In the Society of Nature: A Native Ecology in Amazonia*. University of Cambridge, 1994 [1986]

DESCOLA, Philippe & PÁLSSON, Gísli. "Introducción". In: *Naturaleza y Sociedad: perspectivas antropológicas*. P. Descola & G. Pálsson (Eds). Siglo XXI Editores: Ciudad del México, 2001, pp. 11-33

DOUGLAS, Mary. "Animals in Lele Religious Symbolism". *Africa*, 27, 1, 1957.

\_\_\_\_\_. *Pureza e perigo*. Lisboa: Edições 70, 1991[1966]

DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2000[1912].

DURKHEIM, E.; MAUSS, M. "Algumas formas primitivas de classificação" ([1903] 2001) In: *Ensaio de sociologia*, pp. 399-455. Ed. Perspectiva, São Paulo.

ERIKSON, Philippe. 1987. "De l'appivoisement à l'approvisionnement: chasse, alliance et familiarization em Amazonie amérindienne". *Techniques et Cultures*, 9 (n.s.): 105-140.

\_\_\_\_\_. 1988a. "Appivoisement et habitat chez les amerindiens Matis (langue Pano, Amazonas, Brésil)". *Anthropozoologica*, 9: 25-35.

\_\_\_\_\_. 1988b. "Choix des proies, choix des armes et gestion du gibier chez les Matis et d'autres amérindiens d'Amazonie". *Anthropozoologica*, second numéro spécial, pp. 211-220.

\_\_\_\_\_. 1997. "On native american conservation and the status of amazonian pets". *Current Anthropology*, 38 (3): 445-446.

\_\_\_\_\_. 1998. "Du pécarí au manioc ou du riz sans porc? Réflexions sur l'introduction de la riziculture et de l'élevage chez les Chacobo (Amazonie bolivienne)". *Techniques et Culture*, 31-32: 363-378.

\_\_\_\_\_. 2000. "The social significance of pet keeping among Amazonian Indians". In: A.Podbersceck; E. S. Paul & J.Serpell (eds.), *Companion animals and us*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 7-26.

FAUSTO, Carlos. 1999. "Of enemies and pets: warfare and shamanism in Amazonia". *American Ethnologist*, 26 (4): 933-956.

\_\_\_\_\_. 2008. "Donos demais: maestria e domínio na Amazônia". *Mana*, 14(2): 329-366.

FORTES, Meyer. [1945] 1967. *The Dynamics of Clanship among the Tallensi: Being the First Part of an Analysis of the Social Structure of a Trans-Volta Tribe*. London: Oxford University Press.

FRAZER, Sir James. *Totemism*. Edinburgh: Adam & Charles Black, 1931[1887]

FROEHLICH, Graciela. *O bem-estar na carne : um estudo antropológico sobre as relações entre humanos e animais a partir da categoria de "bem-estar animal"*. Tese (Doutorado em Antropologia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

\_\_\_\_\_. "Trabalhar os animais, trabalhar com os animais: reflexões etnográficas sobre bem-estar animal em fazendas de criação de gado de corte". *R@U : Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCAR*, v. 7, p. 108-125, 2015.

\_\_\_\_\_. "Entre Índices e Sentimentos: Notas Sobre A Ciência do Bem-estar Animal". *Revista Florestan*, v. 4, p. 73-83, 2015..

\_\_\_\_\_. "Pelas carneadas: a transformação de porcos em alimento e comida". *Habitus*, v. 11, p. 117-128, 2013.

GARCIA, Uirá. Karawara: a caça e o mundo dos Awá-Guajá. Tese de doutorado: Universidade de São Paulo, 2011.

GARCIA Jr., Afrânio. O Sul: o caminho do roçado: estratégias de reprodução camponesa e transformação social. São Paulo: Marco Zero; Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília; MCT-CNPq, 1989.

\_\_\_\_\_. Terra e trabalho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GARCIA JR. A, HEREDIA, B. “Trabalho familiar e campesinato”. In: America Latina, ano 14, n.1/2, p.10-20, 1971.

\_\_\_\_\_. “Campesinato, família e diversidade de explorações agrícolas no Brasil”. In: GODOI, E. P.; MENEZES, M.; MARIN, R. A. ( Orgs.) Diversidade do campesinato: expressões e categorias, v.2, estratégias de reprodução social . São Paulo: Editora Unesp; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009, p. 213- 244.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Livres Técnicos e Científicos Editora S.A., 1989[1973], pp. 13-44, 185-214.

GIANNINI, Isabelle V. 1991. A ave resgatada: ‘a impossibilidade da leveza do ser’”. São Paulo: USP, dissertação de mestrado, inédita (não publicada).

GODOI, Emília Pietrafesa de. “Reciprocidade e circulação de crianças entre camponeses do sertão”. In: DE GODOI, E.P.; MENEZES, M.A.; MARIN, R.A.(Org.). Diversidade do campesinato: expressões e categorias: estratégias de reprodução social, v. 2. São Paulo: EdUNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009, pp. 119-130

HARAWAY, D.. “Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”. In T. T. Silva: Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano, Belo Horizonte, Autêntica, 2009[1991].

\_\_\_\_\_. “A partilha do sofrimento: relações instrumentais entre animais de laboratório e sua gente”. Horizontes Antropológicos 2011, vol.17, n.35, pp. 27-64.

\_\_\_\_\_. “Teddy bear patriarchy taxidermy in the Garden of eden. New York City, 1908-1936”. Primate Visions: Gender, race, and Nature in the World of Modern Science. London: Routledge, 1989, p. 28-58.

\_\_\_\_\_. The companion species manifesto. Dogs, people, and significant otherness. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2005.

\_\_\_\_\_. When Species Meet (Posthumanities, Volume 3). Minneapolis and London: University of Minnesota Press, 2008.

HARRIS, M.. Vacas, porcos, guerras e bruxas: os enigmas da cultura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978[1975]

HEREDIA, Beatriz. A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

INGOLD, Tim. Being Alive: Essays on movement, knowledge and description. London: Routledge, 2010.

\_\_\_\_\_. “Humanidade e animalidade”. Revista Brasileira de Ciências Sociais nº 28, São Paulo, junho 1995, pp.1-15.

\_\_\_\_\_. The perception of the environment: essays in livelihood, dwelling and skill. London: Routledge, 2000.

\_\_\_\_\_. What is an animal? London: Routledge, 1994.

JENSEN, Allen A.. 1985. Sistemas indígenas de classificação de aves: aspectos comparativos, ecológicos e evolutivos. Campinas: Unicamp, tese de doutorado, inédita (não publicada).

KNIGHT, John. “Monkeys on the move: natural symbolism of people-macaque conflict in Japan”. Journal of Asian Studies 58(3): 622-647, 1999.

\_\_\_\_\_. (Ed.). Natural Enemies: People-Wildlife Conflicts in Anthropological Perspective. London and New York: Routledge, 2000.

\_\_\_\_\_. Waiting for Wolves in Japan: An Anthropological Study of People-Wildlife Relations. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2006.

KOHN, Eduardo. 2007a. “How dogs dream: Amazonian natures and the politics of transspecies”. American Ethnologist, vol. 34 (1): 3-24.

\_\_\_\_\_. 2007b. “Animal masters and the ecological embedding of history among the Ávila Runa of Ecuador”. In: C.Fausto & M.Heckenberger (eds.), Time and memory in indigenous Amazonia: anthropological perspectives. Gainesville: University Press of Florida, pp. 106-129.

\_\_\_\_\_. How forests think: Toward an Anthropology beyond the Human. Berkeley, Los Angeles and London: University of California Press, 2013

LATOUR, Bruno. Jamais fomos modernos. São Paulo: Editora 34 1994

\_\_\_\_\_. “A well-articulated primatology: reflections of a fellow-traveller”. In FEDIGAN, Strum (Org.). Primate Encounters. Chicago: University of Chicago Press, 2000, p. 358-381.

\_\_\_\_\_. Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador: EDUFBA-EDUSC, 2012[2006]

LEACH, Edmund. “Aspectos antropológicos da linguagem: categorias animais e insulto verbal”. In: DA MATTA, Roberto (org). Edmund Leach. Coleção grandes cientistas sociais. São Paulo: Ática, 1983.

LEAL, Natacha Simeí. Nome aos bois. Zebus e zebuzeiros em uma pecuária brasileira de elite. Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Departamento de Antropologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 2014.

LEIRIS, Michel. Espelho da tauromaquia. São Paulo, Cosac Naify, 2001.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O totemismo hoje. Lisboa: Edições 70, 1986, pp. 76-117

\_\_\_\_\_. O Pensamento Selvagem. São Paulo: Companhia Editora Nacional : EdUSP, 1976, pp. 19-55.

LEWGOY, Bernardo; SORDI, Caetano; PINTO, Leandra. "Domesticando o Humano: para uma antropologia moral da proteção animal". *Ilha - Revista de Antropologia*, v. 7, p. 075-100, 2015.

LEWGOY, Bernardo; SORDI, Caetano. "O que pode um prion? O caso atípico de Vaca Louca no Brasil e seus desdobramentos". *Revista Antropológicas*, v. 24(1), p. 125-143, 2013

LEWGOY, Bernardo ; SORDI, Caetano. "Devorando a carcaça: contracozinhas e dietas alternativas na alimentação animal". *Anuário Antropológico*, v. 2, p. 159-175, 2012

LIMA, Tânia Stolze. "O dois e seu múltiplo: reflexões sobre o perspectivismo em uma cosmologia tupi". *Mana*. 1996, vol.2, n.2, pp. 21-47.

\_\_\_\_\_. 2005. *Um Peixe Olhou Para Mim. O povo Yudjá e a perspectiva*. São Paulo: UNESP/ ISA/ NUTI.

LIENHARDT, G. *Divinity and Experience: The Religion of the Dinka*. Oxford: Clarendon Press, 1961.

MALINOWSKI, B. *Magic, Science and Religion and Other Essays*. Glencoe, IL: Free Press, 1948[1925]

MAUSS, M. & HUBERT, H. "Ensaio sobre a natureza e função do sacrifício". In: *Ensaio de sociologia*, pp. 399-455. Ed. Perspectiva, São Paulo, 2001[1899].

MORAES, M. D. *Memórias de um sertão desencantado: modernização agrícola, narrativas e atores sociais nos cerrados do sudoeste piauiense*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Campinas/SP: Universidade Estadual de Campinas, 2000.

\_\_\_\_\_. "Um povo do cerrado entre baixões e chapadas: modo de vida e crise ecológica de camponeses (as) nos cerrados do sudoeste piauiense". GODOI, E. P.; MENEZES, M.; MARIN, R. A. (Orgs.). In: *Diversidade do campesinato: expressões e categorias, v.2, estratégias de reprodução social*. São Paulo: Editora Unesp; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009, p. 131-162.

OSORIO, Andrea. "Compaixão, moral e sofrimento animal entre protetores de gatos de rua". *Iluminuras (Porto Alegre)*, v. 17, p. 51-82, 2016b.

\_\_\_\_\_. "Sociabilities and sensitivities: recruitments in homeless animal care". *Vibrant (Florianópolis)*, v. 13, p. 143-159, 2016a.

\_\_\_\_\_. "Entre o real e o representado: um debate na história dos animais". *Caderno Eletrônico de Ciências Sociais*, v. 3, p. 75-94, 2015.

\_\_\_\_\_. "A cidade e os animais: da modernização à posse responsável". *Teoria & Sociedade (UFMG)*, v. 21, p. 143-176, 2013.

\_\_\_\_\_. "Posse responsável: moral, ciência e educação ambiental em um grupo de protetores de gatos de rua". *R@U : Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCAR*, v. 03, p. 51, 2011.

PEREIRA, Luzimar Paulo. "'Bicho Mau': encontros com cobras peçonhentas em Urucuia, MG". In: *30.a Reunião Brasileira de Antropologia*, João Pessoa-PB. 2016 (paper).

\_\_\_\_\_. "O movimento dos bichos: notas etnográficas sobre animais, seres humanos e espaços em Urucuia, MG". *Ruris*, volume 9, número 1, 2015, 63-84.

\_\_\_\_\_. *Os giros do sagrado: um estudo etnográfico sobre folias em Urucuia, MG*. Editora 7Letras, Rio de Janeiro, 2011.

\_\_\_\_\_. "Os sacrifícios da carne: a morte do gado e a produção dos banquetes nas folias de Urucuia, MG". *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 32(1): 71-96, 2012

PIERRI, Daniel Calazans. *O perecível e o imperecível: lógica do sensível e corporalidade no pensamento guarani-mbya*. Dissertação, USP. São Paulo, 2013.

PITT-RIVERS, Julian A. *Um Pueblo de la Sierra: Grazalena*. Madrid: Alianza Editorial, 1989 [1954].

\_\_\_\_\_. "Taurolatrías: La Santa Verónica y el Toro de la Veja". In: SOLIS, Pedro R. *Sacrificio y Tauromaquia em España e America*. Sevilla: Universidad de Sevilla, 1995.

POSEY, Darrell & ELISABETSKY, Elaine. 1991. "Conceito de animais e seus espíritos em relação a doenças e curas entre os índios Kayapó da aldeia Gorotire, Pará". *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série Antropologia*, vol. 7 (1): 21-36.

PRADO, Regina Paula dos Santos. *Todo Ano Tem: As Festas na Estrutura Social Camponesa*. São Luís: PPGCS/GERUR/EDUFMA, 2007.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. *Estrutura e Função na Sociedade Primitiva*. Lisboa: Edições 70, 1973[1952]

\_\_\_\_\_. "O método comparativo em Antropologia Social". In: *Desvendando Máscaras Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978[1951].

ROBERTSON-SMITH, William. *Lectures on the Religion of the Semites*. London: Adam & Charles Black, 1927[1889].

SÁ, Guilherme. *No mesmo galho: antropologia de coletivos humanos e animais*. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2013.

\_\_\_\_\_. "Outra espécie de companhia: intersubjetividade entre primatólogos e primatas". *Anuário Antropológico*. 2011(2), pp. 77-110.

SAHLINS, Marshall. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

SEGATA, Jean. "Gatos fidalgos, cálculos renais e as humanidades dos animais de estimação". *Vivência: Revista de Antropologia*, n. 44, 2014, pp. 85-104

\_\_\_\_\_. 2012b. *Nós e os Outros Humanos, os Animais de Estimação*. [Tese de Doutorado]. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

\_\_\_\_\_. 2012c. "Os Cães com Depressão e os seus Humanos de Estimação". *Anuário Antropológico*, 2: 177-204.

STRATHERN, Marylin. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

\_\_\_\_\_. O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia. Campinas: editora da UNICAMP, 2006[1988]

SUSSEKIND, Felipe. “A Onça Pintada e o Gado Branco”. Anuário Antropológico, 2011(2), pp. 111-134

\_\_\_\_\_. O rastro da onça: relações entre humanos e animais no Pantanal. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2014.

TAMBIAH, Stanley. “Animals are good to think and good to prohibit”. Ethnology, v. 8, n. 4, 1969, pp. 423-459.

TAYLOR, Anne Christine. 2000. “Le sexe de la proie: représentations jivaro du lien de parenté”. L’Homme, 154-155: 309-334.

\_\_\_\_\_. 2001. “Wives, pets and affines: marriage among the Jivaro”. In: L. Rival & N. Whitehead (eds.), Beyond the visible and the material: the amerindianization of society in the work of Peter Rivière. Oxford: Oxford University Press, pp. 45-56.

TEIXEIRA, Jorge Luan & AYUBE, Dibe. “Cachorros que atacam criação: reflexões éticas sobre a mobilidade e a vida social dos animais em ambientes rurais”. Iluminuras, v, 17, n. 42, 2016, p. 136-165.

TYLOR, Edward B. Primitive Culture: Researches into the Development of Mythology, Philosophy, Religion, Language, Art, and Custom (2 volumes). London: John Murray, 1920

VANDER VELDEN, Felipe. ‘A gente chama de qualquer jeito’: notas sobre a onomástica dos animais de criação entre os Karitiana, Rondônia. Revista Antropológicas, v. 24, p. 15-43, 2013.

\_\_\_\_\_. Dessas galinhas brancas, de granja - ciência, técnica e conhecimento local nos equívocos da criação de animais entre os Karitiana (RO). Caderno Eletrônico de Ciências Sociais, v. 3, p. 11-34, 2016.

\_\_\_\_\_. Inquietas companhias: sobre animais de criação entre os Karitiana. São Paulo: Alameda, 2012.

\_\_\_\_\_. “Inveja do gado: o fazendeiro como figura de poder e desejo entre os Karitiana”. Anuário Antropológico, 2011/1, p. 55-76.

\_\_\_\_\_. “Rebanhos em aldeias: investigando a introdução de animais domésticos e formas de criação animal em aldeias indígenas na Amazônia (Rondônia)”. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v.5, n.1, p. 129-158, 2011.

\_\_\_\_\_. “Apresentação ao dossiê”. R@u – Revista de Antropologia da UFSCar, v. 7, n. 1, 2015, pp. 7-16.

VILLAR, Diego. 2005. “Índios, blancos y perros”. Anthropos, 100 (2): 495-506.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A inconstância da alma selvagem – e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

\_\_\_\_\_. Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-

estrutural. São Paulo: Cosa Naify, 2015

\_\_\_\_\_. “O nativo relativo”. *Mana*, 2002, vol.8, n.1, pp.113-148.

\_\_\_\_\_. “Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio”. In: *Mana*, v.2, n.2. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1996. pp. 115-143

WILLERSLEV, Rane. “Not animal. Not not-animal: hunting, imitation and empathetic knowledge among the Siberian Yukaghirs”. *Journal of the Royal Anthropological Institute (N.S.)*, 2004, 10(4): 629-652

\_\_\_\_\_. “Percepções da presa: caça, sedução e metamorfose entre os Yukaghirs da Sibéria”. Anuário Antropológico, 2011/II, p. 57-76.

\_\_\_\_\_. Soul hunters: hunting, animism and personhood among the siberian Yukaghirs. Berkley, Los Angeles and London. University of California Press, 2007.

WILLERSLEV, R.; VIETBSKY, P.; ALEKSEYEV, A. “Sacrifice as the ideal hunt: a cosmological explanation for the origin of reindeer domestication”. In: *Journal of Royal Anthropological Institute (N. S.)*, 21, pp. 1-23, 2014.

WOORTMANN, Ellen. Sitiantes e Roceiros: a produção camponesa num contexto de pecuarização. Dissertação de mestrado. Pós-Graduação em Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília-DF, 1981.

\_\_\_\_\_. Herdeiros, parentes e compadres: colonos do Sul e sitiantes do Nordeste. São Paulo: Hucitec; Brasília: EdunB, 1995.

\_\_\_\_\_. “O saber camponês: práticas ecológicas tradicionais e inovações”. In: DE GODOI, E.P.; MENEZES, M.A.; MARIN, R.A.(Org.). Diversidade do campesinato: expressões e categorias: estratégias de reprodução social, v. 2. São Paulo: EdUNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009, pp. 119-130

WOORTMANN, Ellen & WOORTMANN, Klaas. O trabalho da terra: a lógica simbólica da lavoura camponesa. Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília, 1997

YVINEC, Cédric. 2005. “Que dissent les tapirs? De la communication avec les non-humains en Amazonie”. *Journal de la Société des Américanistes*, 91 (1): 41-70.

Foto: Carmen Andriolli